

VII Seminário FESPSP – “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 06: Educação, Literatura e Sociedade

Autoridade docente e Respeito Mútuo nas relações educativas: Diálogos e Contribuições da Literatura

Adriana Dias de Oliveira¹, PUC SP

Resumo:

Este trabalho procura discutir os principais resultados da pesquisa do pós-doutorado em Educação sobre a autoridade docente e o respeito mútuo nas relações educativas. Seu principal objetivo foi compreender as múltiplas representações sociais que os sujeitos escolares têm sobre o tema de modo a buscar aproximações e distanciamento de percepções.

Tendo como referencial teórico autores da sociologia, notadamente Arendt, procurou-se buscar as contribuições de outras áreas do conhecimento como filosofia e literatura de modo a garantir um olhar interdisciplinar sobre a temática analisada.

Trata-se de um estudo de caso em uma escola pública de ensino médio da cidade de São Paulo, utilizando-se da etnografia escolar, entrevistas com professores e alunos e aplicação de cenários pedagógicos. A conclusão da pesquisa aponta para as diferentes formas de compreensão e convívio dos jovens com a autoridade docente e o respeito entre eles.

O diálogo com a Literatura auxilia na compreensão da problemática, permitindo que cada uma destas áreas do saber e na aproximação de ambas, formas de elucidar o mundo social contemporâneo, em particular o universo escolar brasileiro.

Palavras-chaves: Autoridade Docente, Respeito Mútuo, Socialização Escolar, Contribuições Literárias.

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade de Évora –Portugal, Doutora em Ciências Sociais e Pós-doutora em Educação pela PUC SP. E-mail: drica_dias@hotmail.com

24 a 28 de setembro de 2018

GT 06: Educação, Literatura e Sociedade

Introdução

A pesquisa sobre Autoridade docente e Respeito Mútuo nas relações educativas foram temáticas desenvolvidas desde um trabalho anterior sobre violência escolar realizada durante o mestrado a qual procura compreender as múltiplas formas de violência que ocorrem nesta instituição.

Tendo como referência Charlot (2002) a violência escolar pode ser caracterizada em três grupos: a violência *da, na e sobre a escola*. A primeira delas, a violência *da* escola, refere-se à violência simbólica denunciada por Passeron e Bourdieu (2008) e a Teoria da Reprodução por eles desenvolvida a qual demonstra que a escola reproduz as desigualdades existentes na sociedade capitalista por meio da produção de desigualdades escolares as quais os herdeiros, por possuírem um capital cultural mais próximo daquele valorizado pela escola burguesa, são favorecidos.

A violência sobre a escola é aquela praticada contra o patrimônio público como a depredação e o descaso com a coisa pública, mas também diz respeito a entrada de ações criminosas no interior da instituição, como o tráfico de drogas e roubos, o que faz com a escola deixe de ser um lugar tranquilo para se frequentar, aproximando-a da violência que ocorrem no extramuros.

A violência na escola, reporta-se as relações educacional, ao encontro e desencontro entre professores e alunos e entre estes e seus pares. Refere-se também à relação com o saber, isto é, as expectativas que os sujeitos escolares possuem com relação a escola e as garantias de um futuro promissor ou ainda a finalidade e lógica que perpassa a instituição.

Esta diferenciação sobre a violência escolar nos auxilia a compreender a complexidade do fenômeno, não permitindo que a tensão e angústia social por ela causada nos leve a agrupar acontecimentos de natureza diferentes, como muitas vezes são tratados pela mídia. Também vale a pena ressaltar que a violência

VII Seminário FESPSP – “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 06: Educação, Literatura e Sociedade

escolar não é uma situação nova, pois há evidências documentais de sua ocorrência nos anos 1950 e 1960. Todavia, o que antes parecia ser uma ocorrência casual, hoje parece se tornar estrutural.

Também Arendt (2000) nos alerta para o fato de que toda educação comportar certo grau de conflituosidade, pois é inerente ao ato de educar as diferenças geracionais. Assim, trata-se não de criminalizar ou culpabilizar os sujeitos que praticam as violências escolares, mas de compreender o que as provoca, como ocorrem e seus reflexos no processo de ensino-aprendizagem e socialização, para podermos encontrar formas para administrá-las.

Debarbieux (2002) ao abordar as situações de violência escolar, adotou o termo incivilidade como sendo o mais apropriado para tratar os atos que contradizem as regras da convivência. São microviolências, ou ainda manifestações 'invisíveis', 'miúdas' ou 'ocultas' da violência como pequenos delitos, indisciplinas e agressões verbais que tem em comum o fato de produzirem no cotidiano escolar o sentimento de insegurança e medo constante, corroendo as relações ali estabelecidas e, portanto, minando as possibilidades educativas.

Esta referência aos novos modos de socialização escolar, muitas vezes permeados pelo medo, é que estão no cerne da pesquisa da investigação do mestrado. Naquela ocasião, quando da pesquisa sobre a violência escolar, mais especificamente sobre a violência nas relações entre professores e alunos, mas também entre os pares de estudantes, os sujeitos da pesquisa apontaram a ausência da autoridade docente como possível fator para que a violência se manifestasse.

A autoridade docente e, posteriormente a menção, ao respeito mútuo nas relações educativa parecem ser fatores importantes para a manutenção de um ambiente escolar propício que o processo de ensino-aprendizagem se desenvolva, assim como para a socialização das novas gerações.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 06: Educação, Literatura e Sociedade

Para melhor compreender a representação social de alunos e professores, sobre a autoridade docente e o respeito mútuo nas relações educativas, suas semelhanças e diferenças de percepções, é que foram realizadas as pesquisas posteriores de doutorado e pós-doutorado, as quais apresentamos a seguir alguns de seus resultados e conclusões.

1. Autoridade docente e Respeito Mútuo nas relações educativas em contextos de mudanças

A análise de Arendt (2000) sobre a educação americana no período pós-guerra, na qual considerava que a educação estava reduzida um saber-fazer ou a instrumentalização do conhecimento, e na qual o aluno era considerado um objeto, como alguém que necessita ser capacitado, treinado, e não como sujeito de ação, parte integrante do processo de ensino-aprendizagem, parece, infelizmente, uma realidade apesar de passados mais de sessenta anos dos escritos da autora.

Para a Arendt (2000), esta concepção minimalista da educação aponta para a sua crise que está relacionada com o declínio da tradição e autoridade, pois desde a modernidade, o que era transmitido por meio dos costumes e cultura, passa a ser questionado e no seu lugar adentra a racionalidade, isto é, passa a ser necessário a justificativa para que aquela ação possa ser aceita.

A partir deste momento histórico, a construção do mundo comum deixa de estar atrelada ao passado e o indivíduo encontra-se livre para fazer escolhas diante de uma diversidade de referências, sendo responsável ele próprio pela decisão e escolhas. No entanto, apesar da modernidade possibilitar este rompimento com a tradição e o questionamento da autoridade, vale a pena

VII Seminário FESPSP – “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 06: Educação, Literatura e Sociedade

lembrar com Bauman (2007) que é justamente esta ausência de referências e a auto-exigência em decidir soberanamente sem o aporte da tradição ou da autoridade que trará a incerteza e insegurança na contemporaneidade. A vida torna-se fugaz, seu tempo é o instantâneo, descontínuo, como se o passado não servisse para guiar os passos do presente e tampouco o futuro é uma meta a alcançar ou algo que merece uma ação de esforço para ser construído. O presente basta em si e há a consagração da realização em tempo real.

Diante deste cenário, a educação escolar, que foi fundada nos pilares da transmissão de conhecimentos historicamente construídos e na autoridade do professor como agente do conhecimento, apresenta-se em meio a uma crise de legitimidade tanto como instituição de formação quanto de socialização das novas gerações.

Existe assim uma espécie de incompatibilidade estrutural entre o espírito de modernidade e a justificação da educação como tradição e transmissão cultural. Hannah Arendt formula esta contradição em termos particularmente fortes quando ela observa que a educação, que por natureza supõe a autoridade e a tradição, deve se exercer hoje num mundo que não está mais estruturado pela autoridade nem contido pela tradição. A intenção educativa encontra-se assim como que paralisada, esvaziada antecipadamente de toda pertinência e de toda legitimidade (Forquin, 1993, p.20).

Também a promessa do esforço que toda educação comporta parece ter pouco sentido na atualidade, já que há a tendência em prevalecer o desejo por uma satisfação imediata, uma completude no “tempo agora” e portando a dificuldade em se fazer renúncias em prol de um futuro promissor, bem porque a escola já não mais pode garantir que este investimento e desejos adiados serão recompensados ao longo prazo.

Em um contexto de favorecimento do *carpe diem*, o conhecimento deixa de ser uma conquista e fruto do merecimento e a instituição escolar enquanto lugar privilegiado para a

VII Seminário FESPSP – “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 06: Educação, Literatura e Sociedade

transmissão dos conhecimentos, ou ainda o professor como seu representante, deixa de ser estratégico e tem seu valor simbólico destituído.

O advento da internet e a proliferação de informações e sua acessibilidade quase ilimitada, também colaborou para que a escola não seja mais percebida como a instituição do saber, pois este hoje pode ser adquirido por outras fontes descentralizadas. Os espaços virtuais, por meio da comunicação instantânea, fazem com as informações sejam processadas em uma velocidade e por lugares inéditos o que permite com que as informações se tornem rapidamente obsoletas ou então, não havendo até, muitas vezes tempo para certificar-se de sua veracidade, dada sua efemeridade de circulação.

Mas com Larrosa (2002) é importante salientar a diferença entre conhecimento e informação, já que o primeiro não se restringe ao segundo e sim ao desvendar o mundo e no como agir sobre ele.

Seguramente todos já ouvimos que vivemos numa ‘sociedade de informação’. E já nos demos conta de que esta estranha expressão funciona às vezes como sinônima de ‘sociedade do conhecimento’ ou até mesmo de ‘sociedade de aprendizagem’. Não deixa de ser curiosa a troca, a intercambialidade entre os termos ‘informação’, ‘conhecimento’ e ‘aprendizagem’. Como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informação (Larrosa, 2002, p.22).

Para Arendt (2000) a educação tem a dupla função de transmitir às novas gerações os conhecimentos historicamente construídos e assim introduzir as novas gerações em um mundo já velho, bem como acolher o novo que cada geração introduz e deste modo, promover a própria renovação do mundo. E para que isso ocorra é fundamental que a autoridade e o respeito mútuo estejam presentes nas relações humanas.

No caso das relações escolares entre professores e alunos, a autoridade docente concerne à uma referência simbólica na qual ao papel do professor torna-se central, pois conjuntamente com os alunos, possibilita a transmissão e renovação do conhecimento. É o mesmo que afirmar o professor como uma figura social que

VII Seminário FESPSP – “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 06: Educação, Literatura e Sociedade

merece ser considerada e valorizada, pois relaciona-se com o bem comum.

No entanto, para que a autoridade docente possa ser exercitada a que se conquistar e preservar o respeito entre as partes envolvidas. O respeito não como uma reverência, mas como uma interdição simbólica possuidora de um papel regulador capaz de influenciar o juízo e a ação, diante da qual há o reconhecimento mútuo da responsabilidade de professores e alunos sobre o processo de ensino-aprendizagem e sem o qual não é possível o sucesso educativo.

Mas como a autoridade docente e o respeito mútuo nas relações educativa podem ser instaurados na contemporaneidade?

Perante o atual momento histórico de esgarçamento dos lações sociais, com relações humanas pouco pautadas pelo compromisso, como podemos construir pactos educativos mínimos que possam assegurar o exercício da educação?

Importante salientar que não há aqui qualquer alusão a recuperação de um passado escolar ilusoriamente feliz. Tampouco de resignarmos com o atual cenário, mas de procurar pistas que ajudem a autoridade docente e o respeito mútuo, enquanto aspectos fundamentais para que a educação ocorra, possam estar presentes no cotidiano escolar.

A fim de compreender como a autoridade docente e o respeito são representados por alunos e professores é que foram realizadas as pesquisas as quais mostraremos a seguir os principais resultados, mas antes iremos fazer uma breve incursão como as artes, principalmente a literatura, e como estas podem nos ajudar na tarefa da (re)construção do papel do professor.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 06: Educação, Literatura e Sociedade

2. Diálogos entre a Sociologia e a Literatura e as contribuições desta para a análise educacional.

Desde Platão e Aristóteles na Grécia antiga, as artes, e a literatura em particular, são percebidas como mimesis, isto é, como relacionadas com a realidade seja como imitação das aparências, uma imagem simulada do que seria o plano das ideias para o primeiro filósofo, seja como representação das “essências do mundo”, fruto de um profundo conhecimento da natureza humana para o segundo autor.

Embora ao longo do tempo esta percepção da arte como “espelho do mundo” tenha se alterado ao longo do tempo e do lugar em que era empregada, ainda hoje permanece a percepção da arte como relacionada com o seu entorno, mas não no sentido de sua reprodução e sim de criação e interpretação da realidade que é transmutada em simbologias que permitem compreender a natureza sem confundir-se, necessariamente, com ela.

Assim, podemos considerar a literatura como constituída de um conjunto de sistemas simbólicos de comunicação inter-humana na qual o autor, como sujeito histórico, apresenta em sua obra as influências que possui das tradições e valores, expressando em sua arte visões ideológicas do mundo que são concomitantemente pessoais e coletivas, pois apesar de produzidas pelo indivíduo artista, está relacionada com representações de determinados grupos sociais.

Mas se o texto literário permite entrar em contato com a vida e com a história de determinada sociedade, sendo um meio transmissor desta, também ele pode possibilitar a reflexão crítica dos valores sociais que a compõe, exercendo a função social de auxiliar na compreensão dos conflitos e relações de poder existentes. É neste sentido que Cândido (1972) ressalta o potencial transformador que a literatura contém, pois capaz de influenciar o leitor, apresentando-lhe nas entrelinhas de sua escritura novos sentidos, outras visões de mundo e a realidade histórica.

VII Seminário FESPSP – “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 06: Educação, Literatura e Sociedade

Cândido (1995) também destaca o caráter humanizador da literatura, pois incentiva o despertar da reflexão e da mobilização, aproximando o ser humano do outro em prol da construção de um bem-comum. Nas suas palavras esclarecedoras:

Entendo aqui por humanização (...) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (Cândido, 1995, p.249).

É neste sentido que a Literatura e a Sociologia podem, por diferentes caminhos, científico e artístico, se aproximar, pois requerem o comprometimento com a mudança social, cada área do saber assumindo seu fazer, mas em diálogo com a história, buscando pistas que ajudem o aprender a se conhecer, a se ver e principalmente ver o outro, portanto aprender a ser.

Diante do exposto, e compreendendo a Literatura como veículo privilegiado para dar sentido ao mundo, apresentaremos a seguir alguns dos resultados da pesquisa empírica realizada, procurando relacioná-los com personagens da literatura de modo a compreender de modo abrangente como se dão as relações educativa, em especial a autoridade docente e o respeito mútuo. Portanto, não se trata de uma análise exaustiva das obras citadas, mas de encontrar pontes de diálogos e contribuições entre estas áreas do saber de modo a melhor compreender os desafios que a educação nos apresenta na contemporaneidade.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 06: Educação, Literatura e Sociedade

3. Representações sociais de professores e alunos sobre a autoridade e o respeito

A fim de compreender a representação social de professores e alunos sobre a autoridade docente e o respeito nas relações educativas na contemporaneidade, foram realizadas pesquisas qualitativas, estudo de caso, em uma escola pública de São Paulo.

Em um primeiro momento, foi feita a observação participante nos espaços abertos da escola, como pátio e quadra e na sala dos professores para que a investigadora pudesse ser vista e ver todos. Após o fim deste período de natural curiosidade sobre a pesquisadora e o estudo a ser realizado, aos poucos alguns professores foram se aproximando e mostraram interesse em participar do inquérito, abrindo suas classes para que houvesse a observação sobre o cotidiano das salas de aulas que foi registrado em um caderno de campo.

Após esta etnografia escolar que durou cerca de um ano letivo, foram realizadas entrevistas com roteiro semiestruturado com alunos e professores do primeiro ano do Ensino Médio do período da manhã e de modo a abarcar homens e mulheres e docentes das diversas disciplinas.

Em um terceiro momento, foram aplicados cenários pedagógicos que são a descrição de algumas das cenas de conflito interpessoal observadas em sala de aula e as quais eram apresentadas quatro possibilidades de resolução. Aos entrevistados era pedido que escolhessem a melhor maneira de se resolver o desencontro em sala de aula, e classificassem as alternativas por ordem de justiça, justificando a primeira opção.

Este instrumento de coleta de dados permite que os sujeitos da pesquisa possam identificar os impasses escolares cotidianos e eles próprios, após análise, apontarem alternativas para a sua resolução. Trata-se também de tentar compreender o que seria para eles o conceito de uma escola justa, isto é, quais os

VII Seminário FESPSP – “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 06: Educação, Literatura e Sociedade

mecanismos capazes de proporcionar a discriminação positiva e o reconhecimento do valor dos *vencidos*, a fim da escola não reproduzir as desigualdades sociais (Dubet, 2004).

Após este processo de coleta de dados e a posterior análise destes foram configurados quatro grupos distintos de professores e outros quatro grupos de alunos conforme o envolvimento destes com os dois eixos principais da educação escolar que são a formação e a socialização dos jovens estudantes. Para melhor compreender suas especificidades foram feitas aproximações com personagens da literatura de modo a melhor caracterizar cada grupo de professores aqui apresentados.

3.1 Professor Coronel Felisberto

Trata-se de uma referência ao personagem do conto “O enfermeiro” de Machado de Assis publicado no ano de 1896 no livro *Várias Histórias* narrado na primeira pessoa na qual o protagonista Procópio, o enfermeiro do Coronel Felisberto nos conta a situação de humilhação e maus tratos que sofria no lugar de trabalho, pois o coronel costumava ser agressivo, gritar, dar ordens de modo ultrajante. Após longos anos cuidando do coronel e sendo por ele menosprezado, Procópio enforca e mata seu patrão. Todavia, passados alguns dias de sua morte descobre-se que o assassino era o herdeiro universal da herança de Felisberto, demonstrando o apreço que o coronel tinha pelo enfermeiro apesar dos seus atos de violência cotidianos.

Como já mencionado anteriormente, a intenção aqui não é desenvolver uma análise profunda sobre os livros ou personagens citados, mas sim procurar nestes, referências que possam auxiliar na compreensão do professor, neste caso, autoritário.

O professor autoritário tem como característica marcante a preocupação com a disciplinarização dos corpos na sala de aula, pois para ele os alunos são

VII Seminário FESPSP – “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 06: Educação, Literatura e Sociedade

percebidos como “tábuas rasas”, depositários do saber que está sobre o domínio do docente. O professor é o detentor do conhecimento e tem a função de “passá-lo” aos estudantes e estes, por sua vez, deverão recebê-lo e reproduzi-lo. Para tanto, é um professor que tem o domínio do conteúdo de sua disciplina e também demonstra preocupação em transmiti-lo, procurando estar atualizado e preparando as aulas. No entanto, não vê no aluno um aliado na tarefa de educar. Ao contrário, são constantes os confrontos em classe.

Como no caso do conto de Machado de Assis, na relação professor autoritário e alunos, embora se tenha o reconhecimento da existência do outro e da sua importância no processo educativo, esta relação é permeada pelo medo e desrespeito. A disposição do professor é de um coronel que está ali para dar ordens e ser obedecido, como se qualquer atitude dos alunos de questionamento ou até dúvidas, fosse percebida como um desacato ao seu poder e, portanto, necessitando ser respondida com a mesma violência em que se percebe atingido. No entanto, vale ressaltar que esta situação pode ser igualmente sentida pelos alunos que, em um primeiro momento, se consideram agredidos pela atitude autoritária do professor e a partir daí passam a também não respeitá-lo, produzindo-se um contexto permeado pelo impasse e pela circularidade da violência.

“Eu xingo mesmo o aluno quando ele me tira do sério” (Professora, inglês).

Mas também,

“É importante que eles aprendam. Eles precisam disso. Eu explico quantas vezes forem necessárias, mas não admito bagunça na minha aula” (Professor, matemática).

E,

“Comigo não tem muito papo, não... Quando vejo que estão extrapolando, eu vou logo mostrando quem é que manda na sala” (Professor A, educação

24 a 28 de setembro de 2018

GT 06: Educação, Literatura e Sociedade

física).

3.2 *Professor Bartleby*

Bartheby é um funcionário do escritório de um advogado, narrador da história, do livro de Herman Melville, o qual segue à risca as orientações que lhe são dirigidas para serem feitas. Incapaz ou desmotivado a refletir sobre seu trabalho, ele apenas o cumpre. Assim, Bartheby dificilmente falta no serviço, planeja e executa seus afazeres sem qualquer envolvimento com estes, pois tem um comportamento aparentemente depressivo e uma resistência apática.

Do mesmo modo que Bartheby, o professor apático parece realizar sua função no limite da obrigação, sem implicar-se com o ato de ensinar. De modo oposto ao professor autoritário apresentado anteriormente, este professor tende a não se preocupar com o aperfeiçoamento profissional e tampouco planeja as aulas que irá ministrar, procurando apenas estar “em dia” com o conteúdo conforme a programação escolar e assim evitar transtornos administrativos.

Tampouco procura manter uma relação amistosa com os alunos. Antes, prefere desprezá-los, como se o aprendizado fosse de responsabilidade exclusiva destes, enquanto ao professor cabe estar em dia com as obrigações burocráticas. Tendo a vitimização como discurso, responsabiliza o Estado e a família “desestruturada” pelas condições precárias de trabalho e pela “falta de limites dos alunos”, tendo uma percepção saudosista do passado quando a escola era para poucos.

Assim, este professor burocrático, conhece seus deveres e direitos legais e sua ação é voltada para cumprir os aspectos empregatícios, não havendo o exercício da autoridade e nem do respeito nas relações, pois não se mostra comprometido nem com a formação nem com a socialização escolar. Apático, não

VII Seminário FESPSP – “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 06: Educação, Literatura e Sociedade

apresenta nenhuma ação diante da desvalorização profissional, transferindo a terceiros a missão em fazer algo para superá-la.

“A minha função é passar a matéria, se eles querem aprender é outra história”. (Professora, história).

E,

“A palavra do professor não vale mais nada. Há uma desvalorização da nossa profissão. Fazer o quê? (Professor, física).

Ou ainda,

“Os pais não são mais como antigamente. Não dominam os filhos, deixam eles (sic) fazerem o que querem e aí dá nisso” (Professora, geografia).

3.3 Professor Leonardo

Leonardo é o anti-herói do romance “Memórias de um Sargento de Milícias”, de Manuel Antônio de Almeida, publicado em 1854 e que tem como curiosidade significativa o fato de constar no lugar do autor a menção “um brasileiro”. O personagem Leonardo tem como uma das suas principais características o fato de conquistar a empatia e a torcida de todos, apesar de utilizar de meios eticamente duvidosos para obter o sucesso social, pois astúcia, trapaças e “jeitinhos” são alguns dos meios que aproveita para esquivar-se das adversidades que se apresentam e alcançar os objetivos propostos. Evitando desavenças e desviando-se de possíveis enfrentamentos, Leonardo faz questão de ser cordial com todos, embora não seja propriamente uma atitude altruísta, pois sempre relacionada com algum êxito próprio e para desvencilhar-se de compromissos e responsabilidades.

O personagem Leonardo aproxima-se do professor permissivo, ao constatarmos que este como aquele, evita possíveis conflitos que possam ocorrer na

VII Seminário FESPSP – “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 06: Educação, Literatura e Sociedade

escola, principalmente com os alunos. Tampouco se responsabiliza pela formação cultural dos estudantes, pois para ele o importante é manter o bom relacionamento e para tanto, muitas vezes tem um comportamento permissivo, isto é, complacente com atos de indisciplina ou com o não cumprimento de tarefas escolares por parte dos alunos.

Por privilegiar as relações humanas, e por considerar o aluno como portador de conhecimentos, sua preocupação não está em planejar aulas, mas em incentivar a participação para que a aula se desenvolva de confortável, quase lúdica, onde professor e alunos tenham uma troca de saberes e experiências. Diferentemente dos dois professores anteriormente analisados, este professor não se considera o “detentor do saber” e nem a formação disciplinar como primordial. Ao contrário, para ele, a relevância da escola está na possibilidade de proporcionar sociabilidades múltiplas e na construção de redes sociais de apoio à população estudantil juvenil já que vítima das contradições estruturais excludentes.

Há entre eles uma cumplicidade recíproca, na qual professores e alunos, padecem de condições sociais desprestigiadas e tal identificação faz com que este professor se posicione mais como um amigo dos alunos do que como alguém que sabe mais sobre um assunto disciplinar, pois há a negação da hierarquia entre eles, inclusive de conhecimento.

O papel social do professor estaria em promover as interações e cuidar para que o jovem estudante possa realizar trocas subjetivas, administrando os possíveis conflitos que isso possa ocasionar.

“Sabe, a gente tem que ser próximo dos alunos. Conversa e orientar. Isso é o que vale”. (Professor, sociologia).

Também,

“O professor que chega e nem cumprimentava ou que só dá a matéria e manda ficar sentado, quieto, não dá. Para eles, a aula tem que ser dinâmica,

24 a 28 de setembro de 2018

GT 06: Educação, Literatura e Sociedade

interessante. Tem que interagir! ” (Professora, química).

No entanto, esta ênfase no processo de socialização pode ocultar certo despreparo profissional ou domínio do conteúdo disciplinar, pois o professor ao se limitar ao conhecimento já adquirido pelo aluno, acaba por não praticar a função de formadora cultural que a instituição escolar possui. Ou, como afirmar uma aluna,

“Tá, ela é legal. Gente boa. Mas, e aprender? ” (Aluna, primeiro ano C).

3.4 Professora Sherazade²

Sherazade é a protagonista da coleção de histórias que compõe “As mil e uma noites”. Contos populares do Oriente Médio, escritos por autor anônimo por volta do século IX e que é narrada no ocidente desde 1700. Trata-se da lenda de um Sultão que ao se sentir menosprezado e injustiçado, passa a agir guiado pelo sentimento de represália e reparação do dano sofrido, de modo a provocar no outro um mal capaz de vingar-se do ocorrido. Sherazade, por sua vez, também se percebia como desprezada ou esquecida por sua família que tendia a valorizar sua irmã mais velha e a mais nova. O encontro deste par de rejeitados, envoltos à sensação de incapacidade, resultou na narração de histórias que ao longo do tempo foi capaz de construir entre eles um laço social com a potência de transformação não apenas deles próprios, Sultão e Sherazade, mas também da sociedade em que estão inseridos.

Como Sherazade, a professora deste grupo de análise, não se percebe como a única protagonista ou ainda a mais importante personagem de um processo em construção. Sua performance está estritamente relacionada com o reconhecimento

² A referência deste grupo de professores à figura feminina tem relação com o debate acadêmico sobre as questões de gênero e a construção da autoridade feminina desenvolvida pela autora em outra ocasião e que, dadas as limitações deste espaço, não serão aqui exploradas.

VII Seminário FESPSP – “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 06: Educação, Literatura e Sociedade

de um outro, alguém diferente de si, mas que tem algo a acrescentar e que aposta ser somente na partilha destes saberes que o sucesso seja possível.

Envolvida com o processo educativo, a professora Sherazade busca o equilíbrio instável entre a transmissão de conteúdos e interações humanas, sem renunciar seu lugar de referência simbólica (como ocorre com o professor Leonardo e Bartheby), mas também sem ter a conduta totalitária (como professor coronel Felisberto).

Também, tendo a clareza de seu papel tanto quanto formadora e difusora de um conhecimento historicamente construído, quanto de promotora da socialização das novas gerações, sua atuação encontra-se na fronteira do exercício da autoridade e do respeito incondicional ao lugar do aluno como agente do conhecimento.

Reconhece a fragilidade de sua autoridade, mas não se eximi de suas responsabilidades como educadora e, portanto, procura formar parcerias com os alunos pautadas na confiança e no respeito mútuo, a fim de encontrar pontos comuns para que o ato de educar se realize. Esta flexibilidade nas interações aparece nas falas dos entrevistados:

“Eles são de outra geração, têm outros interesses. A gente tem que tentar compreender e negociar. Afinal, também já fomos jovens” (Professora, biologia).

Também,

“Dancei com eles. Gosto de brincar com os alunos. A gente não pode perder o espírito. Eles fazem esforço para chegar até nós. Temos também que tentar vários caminhos para chegar até eles” (Professora, educação artística).

Ou,

VII Seminário FESPSP – “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 06: Educação, Literatura e Sociedade

“Não adianta mandar. Precisa explicar que o outro também tem que ser levado em consideração” (Professor, matemática).

Ainda,

“Eu procuro respeitar e dar atenção aos alunos. Assim, eles sentem confiança em mim e eu consigo dar aula” (Professora, química).

Algumas considerações finais

Vale a pena ressaltar o declarado anteriormente de que a formação dos grupos não são “tipos ideais weberianos”, mas da interpretação entre muitas possíveis das informações observadas no cotidiano escolar, e que tem a finalidade de trazer elementos de intervenção nesta realidade.

Deste modo, a constituição dos grupos levou em consideração os dois eixos principais da educação escolar quais sejam: formação de conhecimentos e socialização dos alunos e como os atores da pesquisa se relacionavam com tais elementos. Ainda, em consonância com a modernidade líquida (Bauman, 2007) que vivemos, estes grupos estão em constante transformação e um mesmo aluno/professor pode apresentar diferentes performances (Butler, 2011) conforme o contexto em que está inserido. Todavia a pesquisa demonstrou que apesar das possíveis mudanças, a pertença a um grupo corresponde ao envolvimento e responsabilidade do professor com o processo educativo.

Assim, diante da atual crise da educação enquanto agência privilegiada para a formação e socialização das novas gerações, e na qual o exercício da autoridade docente e o estabelecimento de interações baseadas no respeito mútuo parecem difíceis de se concretizarem, a figura da professora Sherazade aponta possíveis caminhos a serem trilhados.

Com Arendt (2000), consideramos que toda crise comporta a perda dos parâmetros que guiavam ações anteriormente, mas também a abertura para novas

VII Seminário FESPSP – “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 06: Educação, Literatura e Sociedade

referências e modos de ser, pensar e agir. Neste sentido, roga-se por relações escolares fundamentadas no respeito, isto é, no reconhecimento da importância do papel social do Outro enquanto sujeito do processo educativo.

Trata-se de uma construção inacabada, sempre em movimento, em um equilíbrio dinâmico e temporário, mas sem o qual o processo educativo não é possível se efetivar. Na escola pública surge como precondição de pactos educativos que levam à promoção da diferença e à formulação de contratos coletivos capazes de promover a formação, mas também a transformação do gênero humano, visando a construção de uma sociedade mais justa.

Referências

ARENDDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

BUTLER, Judith. Actos performativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: __. **Gênero, cultura visual e performance. Antologia crítica**. Minho: Universidade do Minho/Húmus, p. 69-88, 2011.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**, Campinas, SP, dez. 2012. ISSN 2316-5758. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992/3701>>. Acesso em: 08 dez. 2018. doi:<https://doi.org/10.20396/remate.v0i0.8635992>.

_____. O direito à literatura. In: _____. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, p. 169-191, 1995.

VII Seminário FESPSP – “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 06: Educação, Literatura e Sociedade

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 432-443, 2002.

DEBARBIEUX, Eric. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

DUBET, François. O que é uma escola justa? **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v. 34, n. 123, p. 539-555, 2004.

FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artmed, 1993.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

MELO JUNIOR, Geovane Souza. Mímesis: do simulacro à verossimilhança. **Revista Espaço Acadêmico**, São Paulo, n. 209, p. 77-85. 2018.